

**BRASIL-DADÁ:
NA ERA DA
PÓS-VERDADE**

BRASIL-DADÁ: in the post-truth
era

BRASIL-DADÁ: en la era de la pos-
verdad

Vívian de Camargo Coronato^{1, 2}

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o movimento dadaísta e relaciona a sua vertente berlinense, ocorrida no início da República Weimar, com a situação brasileira contemporânea e a pós-verdade. Para tanto, apresenta um panorama da situação da Alemanha entre sua unificação e a ascensão do nazismo e compara com a atual crise brasileira iniciada com os protestos de 2013.

PALAVRAS-CHAVE: Dadaísmo; pós-verdade; Brasil; Berlim.

ABSTRACT

This article discusses the Dada movement and relates its Berlin aspect, which occurred at the beginning of the Weimar Republic, with the contemporary Brazilian situation and the post-truth. To do so, it presents an overview of the

¹ Doutora e mestre em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), graduação em Licenciatura em Artes com Habilitação em Artes Cênicas pela UDESC e também é Bacharel e Licenciada em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é professora ACT na Prefeitura Municipal de Florianópolis trabalhando na Educação de Jovens e Adultos (EJA). E-mail: viviancoronato@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis. R. Conselheiro Mafra, 65 - Centro, Florianópolis - SC, CEP: 88010-000, Brasil.



ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n1p271>

situation of Germany between its unification and a rise of Nazism and compares to a current crisis started whit the protests of 2013.

KEYWORDS: Dadaism; post-truth; Brazil; Berlin.

RESUMEN

El presente artículo discurre acerca del movimiento dadaísta y relaciona su vertiente berlinés, ocurrida al inicio de la República Weimar, con la situación brasileña contemporánea y la post-verdad. Para tanto, presenta un panorama de la situación de Alemania entre su unificación y el ascenso del nazismo y compara con la actual crisis brasileña iniciada con las protestas de 2013.

PALABRAS CLAVE: Dadaísmo; post-verdad; Brasil; Berlín.

Recebido em: 30.11.2017. Aceito em: 13.12.2017. Publicado em: 01.01.2018.

Quando o termo pós-verdade começou a ser amplamente utilizado, a ponto de ser eleito a palavra do ano 2016 pelo dicionário Oxford (2016), e ao vermos os exemplos de sua disseminação nas eleições de Trump³, do Brexit⁴ (episódios responsáveis pela eleição do termo) e nos fatos recentes ocorridos no Brasil, lembramo-nos de ações realizadas por integrantes de um movimento vanguardista que teve seu nome estampado em uma publicação pela primeira vez, na cidade de Zurique, em 1916 (RICHTER,1993), exatos cem anos da eleição da palavra do ano: dadaísmo.

Dadá é tudo. Dadá é nada

Todo produto da aversão suscetível de se tornar uma negação da família é *dadá*; protesto com toda a sua força em ação destrutiva: [...] **DADÁ**; abolição da lógica, dança dos incapazes de criação: **DADÁ**; de toda hierarquia e equação social estabelecidas pelos valores por nossos criados: [...] **DADÁ**; abolição da memória: [...] abolição do futuro [...] crença absoluta indiscutível em cada deus produto imediato da espontaneidade: [...]; cuspir como uma cascata luminosa o pensamento desagradável ou amoroso, ou acalentá-lo — com a viva satisfação de que tudo é igual — com a mesma intensidade na moita, livre de insetos para o sangue bem-nascido, e dourado com corpos de anjos, com sua própria alma. Liberdade: **DADÁ DADÁ DADÁ**, alarido de dores crispadas, entrelaçamento dos contrários e de todas as

³ Pesquisas demonstram que 70% das afirmações que Donald Trump faz são falsas, em grande parte falsas ou mesmo mentiras deslavadas. Trump foi eleito pelo apelo emocional da era da pós-verdade, onde os fatos não importam. (DAVIES, 2016).

⁴ No caso do Brexit, entre outras meias verdades, se propagava que o custo da Grã-Bretanha para permanecer na União Europeia era de 350 milhões de libras por semana, mas não se dizia o quanto era o retorno do investimento, o lucro. (DAVIES, 2016).

contradições, dos grotescos, das inconseqüências: A VIDA.
(Tzara, 1918).

Apesar de podermos, como afirma Hans Richter (1993), observar tendências e manifestações dadaístas em diversas épocas, seu início, como movimento, deu-se na “tensa Suíça neutra”, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Na capital, Zurique, refugiaram-se muitos artistas e intelectuais (além de desertores, asilados políticos, agentes secretos, etc.) procedentes de países implicados na guerra que assolava a Europa. Entre eles estavam Tristan Tzara, Marcel Janco, Hans Arp e Hugo Ball, principais representantes do dadá na Suíça. Hans Arp comenta sobre a vida em Zurique:

Enojados pela carnificina da guerra de 1914, entregávamo-nos, em Zurique, às belas-arts. Enquanto ao longe troavam os canhões, nós cantávamos, pintávamos, colávamos e fazíamos poesia a não mais poder. Buscávamos uma arte elementar, que pudesse curar o ser humano da loucura de sua época, e procurávamos uma nova ordem que fosse capaz de estabelecer o equilíbrio entre o céu e o inferno. **Sentíamos que haveriam de surgir bandidos, os quais, no desvario do poder, iriam utilizar-se até mesmo da arte para estupificar seres humanos** (ARP apud RICHTER, 1993, p.23, grifo nosso).

O trecho destacado acima remete-nos diretamente aos últimos fatos ocorridos no Brasil, quando militantes do MBL (Movimento Brasil Livre), “no desvario do poder”, utilizaram-se da arte para proclamar uma falsa moralidade. Retomaremos este fato mais tarde. Por hora, voltemos à 1916.

Em 01 de fevereiro, Hugo Ball fundou o Cabaré Voltaire no nº1 da Spielgasse. No nº12 morava Vladimir Ilych Ulyanov, mais conhecido como Lenin, que, em 1917, com a Revolução Russa, vai se unir aos bolcheviques em

Moscú. Apesar de se encontrarem algumas vezes com Lenin⁵, os dadaístas da cidade não tinham nenhuma ideia dos pensamentos políticos do mesmo e apenas Ball, posteriormente, voltou-se para a política. (DE MICHELI, 2004).

O Cabaré Voltaire começou com Ball ao piano acompanhando os vocais de sua amiga Emmy Hennings. Logo ele publica um convite em um jornal convocando jovens artistas para comparecer trazendo sugestões e contribuições de todos os tipos. O convite foi aceito por muitos e o local passou a se tornar um ponto de efervescência cultural. Ali "leituras de poetas franceses modernos alternavam-se com apresentações de artistas alemães, russos e suíços. Davam-se *soirées*, tocava-se música moderna e antiga, tudo misturado [...]". (RICHTER, 1993, p.18).

Foi Tristan Tzara o responsável por publicar pela primeira vez o nome Dadá em revista lançada em 15 de junho de 1916. Já a questão da autoria do termo e seu significado é, até hoje, controversa. Dadá remete à fala romena "da, da" (sim, sim); ao acaso de encontrar a palavra num dicionário; significa, em francês, cavalo-de-pau; para os alemães, ingenuidade tola; é nome dado a uma vaca sagrada, a pais e mães, a ama de leite... Mas tudo isto e nada disso pode ser Dadá, já que Dadá é, como afirma posteriormente Tzara (*apud* RICHTER, 1993, p.36) "uma doídice nascida do nada, na qual estão envolvidas todas as questões transcendentais, um gesto de gladiador; um jogo com os restos míseros... uma execução da falsa moralidade."

Os dadaístas buscavam a liberdade do fazer e não pensar no público, nas convenções, teorias ou nos fins da arte. No manifesto escrito por Tzara (1918) temos que:

⁵ Fato curioso é que a polícia suíça desconfiava dos dadaístas, acreditando serem eles espíões, enquanto que muito próximo estava Lenin reunindo-se com camaradas para fomentar a revolução comunista.

[...] nasceu DADÁ de uma necessidade de independência, de uma desconfiança em relação à comunidade. Aqueles que pertencem a nós preservam a liberdade. Não reconhecemos nenhuma teoria. Já estamos fartos das academias cubistas e futuristas: laboratórios de ideias formais. Pratica-se a arte para ganhar dinheiro e adular os gentis burgueses?

Tzara prossegue negando as reproduções artísticas simbólicas e pictóricas e prega que o novo artista protesta criando em materiais como pedra, madeira, ferro e estruturas móveis. Mas, as obras não têm um fim, são todas inúteis, descartáveis e ilógicas. O dadaísmo é um movimento autocontraditório - "*ordem = desordem; eu = não eu; afirmação = negação*" (Tzara, 1918) - que pregava a des-razão e questionava a ideia de uma verdade racional:

Se todos têm razão e se todas as pílulas não passam de Pink, tentemos uma vez não ter razão. As pessoas acreditam que podem explicar racionalmente, pelo pensamento, o que escrevem. Mas isto é bem relativo. A psicanálise é uma doença perigosa, amortece os pendores anti-reais do homem e sistematiza a burguesia. Não existe Verdade derradeira. (TZARA, 1918).

Em uma época onde a guerra mecanizada distanciava-se da razão, os dadaístas buscavam desenvolver uma sanidade apropriada para a loucura do período. Eles atacavam ferozmente a tudo e a todos, manifestavam-se de modo agressivo, destrutivo, zombeteiro, chocante, atrevido. Uma das ferramentas utilizadas foi o riso: "*riamos de tudo. De nós mesmos. Levávamos o riso a sério [...].*" (Richter, 1993, p.83).

Há alguns elementos nas práticas dadaístas que se assemelham aos outros movimentos anteriores, como o uso de poemas sonoros ruidosos e tipografia, elementos comuns aos futuristas; no entanto, o que distingue o dadaísmo é que ele não tinha um programa estabelecido, ou o seu programa

era ser anti-programático. Conforme comenta Walter Haftman (1993, p.310-311):

Por mais que alguns métodos de Dadá já estivessem esboçados em algum lugar, e ainda que os resultados finais de Dadá permaneçam bastante indefinidos e pouco concretos - fato é que sua concepção do artista criou um novo ponto de partida psicológico, e, como se fora uma massa de fermento, continuou originando outros desdobramentos. Dadá era o micróbio rebelde, anárquico e muito contagiante da liberdade que, oriunda de uma exaltação do espírito, continuava a inflamar os espíritos das novas gerações.

É um pouco deste contágio dadaísta que clamaremos a seguir quando tocarmos no Brasil contemporâneo. Os dadaístas prezavam a liberdade total e deixavam-se levar pelo caminho do desconhecido, permitindo-se o jogo com o acaso e a escuta interior. Tzara dá-nos um exemplo de como trabalhar com o acaso: pegar um artigo de jornal, cortar todas as letras, colocar em um saco de papel, chacoalhar, espalhá-las pela mesa e juntá-las, criando um poema. (RICHTER, 1993; DE MICHELI, 2004).

Uma das manifestações dadaístas que nos interessa é o uso das notícias falsas. Em Zurique podemos citar o "duelo das pistolas", quando foi divulgado em um jornal da cidade que Tzara e Arp iriam duelar com a mediação do famoso poeta H. C. Heer. O poeta, que estava em outro país, desmentiu o fato em edição seguinte do jornal. Na mesma noite surgiu um desmentido do desmentido, em que outras testemunhas (também dadaístas) afirmavam que não se podia omitir a verdade e que o duelo realmente aconteceu, Heer estava lá, como testemunha e padrinho, e havia desmentido porque provavelmente não gostaria de ter seu nome ligado a esta rebeldia juvenil. (RICHTER, 1993).

Esta técnica da inquietação, ataque e ofensa ao público, praticada em Zurique tanto nas notícias falsas como nos manifestos e nos espetáculos, foi desenvolvida em Berlim e posteriormente em Paris até, segundo Richter (1993), tornar-se uma arte autônoma. Iremos retomar estas características dada a seguir, quando discorreremos sobre sua vertente berlinense. Além de Zurique, Paris e Berlim, outras cidades tiveram manifestações dadaístas como Nova Iorque (com a fotografia com May Ray e os ready-mades de Marcel Duchamp), Hannover (com Kurt Schwitters suas montagens e seus poemas) e Colônia (com as colagens de Max Ernst e Johannes Baargeld).

Dadá em Berlim

O dadaísmo chega a Berlim em um momento bastante tumultuoso da história da cidade: o fim da primeira guerra mundial, onde a Alemanha saíra derrotada, e o estabelecimento da República de Weimar [1919-1933]. O aspecto político do dadaísmo em Berlim foi bastante acentuado, porque os efeitos da guerra foram sentidos com intensidade na capital alemã e o contexto social na cidade era bastante tenso, com diversas brigas de rua entre partidos políticos, por conta da instabilidade política - assunto debatido tanto na esfera pública quanto na privada.

A República Weimar foi estabelecida logo após a derrota na primeira guerra mundial e, subitamente, a Alemanha, que havia recém se unificado (em 1871, sob a tutela do *kaiser* Guilherme 1º) viu seu líder renunciar ao cargo, devido às pressões, e se implementar, às pressas, porque havia uma "ameaça socialista", uma República.

Para que possamos compreender o contexto em que se inseria o dado em Berlim, será preciso que destrinchemos a trajetória alemã, em especial de Berlim, da unificação à ascensão do nazismo.

Berlim de Weimar à ascensão do nazismo

Com a unificação da Alemanha [1871], Berlim, que era capital do reino da Prússia, tornou-se capital alemã. A cidade era polo de imigrantes, que totalizava em 1900, segundo Kitchen (2003), 60% da população. Entre 1900 e 1914, quando a população duplicou, o número de imigrantes também seguiu a mesma proporção.

Berlim era uma das cidades urbanas com maior densidade da Europa. A intensa busca por moradias, a deficiência na legislação sobre edificações e o desejo de lucro dos empresários fez com que surgissem muitas obras com condições sanitárias inadequadas, promovendo na cidade surtos de tifo, tuberculose e cólera. Até 1870, a cidade não contava com um sistema de esgoto sanitário que conseguisse dar vazão a tanta demanda. O mau cheiro de Berlim era inevitável.

Devido à superpopulação da capital, nem todos os habitantes tinham empregos e os que possuíam, operários em sua maioria, enfrentavam condições de trabalho precárias e salários baixos. O nível de mendicância, prostituição e criminalidade aumentava consideravelmente na cidade. As brigas entre policiais e população de baixa renda eram constantes, o que colaborou para a união da força trabalhadora e a disseminação dos ideais socialistas.

O Partido Social Democrata (PSD) conseguiu mobilizar milhares de trabalhadores ao voto. Esta mobilização assustou o chanceler Otto von Bismark, que tentou dar um fim a esta onda socialista promulgando, depois de algumas tentativas de aprovação no Congresso, em 1878, leis antissociais, que proibiam os partidos social-democrata, socialista e comunista.

A proibição teve efeito contrário: os socialistas conseguiam cada vez mais adeptos. Os trabalhadores, organizados e instruídos, tornavam-se agitadores e conseguiam um número cada vez maior de aliados. Nas eleições seguintes, os sociais-democratas, apesar da proibição, receberam mais votos e Bismark não viu outra opção senão introduzir o seguro-saúde, o seguro-desemprego e o seguro de acidentes, a fim de reconciliar os trabalhadores com o Estado. O partido, mesmo com os benefícios concedidos por Bismark, continuou a crescer e, em 1890, a lei antissocialista foi abolida. (WELLE, 2005).

Em relação aos aspectos econômicos e sociais, a cidade via-se dividida entre os conservadores - que eram contrários ao crescimento vertiginoso e à "americanização" da cultura - e os liberais, que investiam em novas empresas e vendiam títulos de capitalização nos bancos. A maioria dos comerciantes e dos bancários era formada por judeus, isto porque eles apenas em 1872 conseguiram direitos em solo alemão e, ainda assim, foram mantidos fora de cargos da administração pública e do exército profissional (a não ser comprovassem conversão a outra religião). Com a crise de 1873, quando diversos bancos quebraram, investidores perderam tudo e cidadãos comuns viram-se destituídos de suas economias, os judeus liberais tornaram-se os bodes expiatórios de toda a desgraça que abatia os berlinenses. (KITCHEN, 2003).

Em 1875 dois jornais, o *Kreuzzeitung* e o *Germania*, representantes do protestantismo ortodoxo e do Partido de Centro Católico respectivamente, passaram a divulgar ideias antissemitas exaltando a população a não comprar de judeus e difundindo a ideia de que os “verdadeiros alemães”, os não judeus, não precisavam de indústrias e do mercado de capitais, tudo o que eles precisavam era apenas o povo (*Volk*). O ódio contra judeus era propagado em centenas de artigos pseudocientíficos como, por exemplo, o *The Jewish Question as a Racial, Moral and Cultural Problem*, publicado em 1881 por Eugen Dühring.(KITCHEN, 2013).

Em 1914 tem-se o início da Primeira Guerra Mundial. A Alemanha contava com um forte exército e a guerra foi marcada pelo uso de novas armas com alto poder destrutivo, como bombas, aviões, tanques, rifles de precisão e metralhadoras, inaugurando uma nova forma de combate e novas estratégias de guerra. O que se propagava era que a vitória seria fácil e rápida, a Alemanha conquistaria territórios suficientes para exaltar seu império.

Como se sabe, a guerra não foi rápida, tendo durado até 1918, e as tropas alemãs não venceram. Em Berlim a população foi surpreendida com a notícia, pois se acreditava na vitória até o último momento e apenas com o retorno dos soldados e os respectivos relatos de massacre e abandono por parte do governo monárquico soube-se dos fatos ocorridos na guerra. A descoberta gerou ainda mais revolta contra o governo que já vinha sofrendo com uma explosão de greves em diversas cidades. O *kaiser*, Guilherme 2º, viu-se obrigado a renunciar. Em 09 de novembro de 1918, milhares de pessoas portando bandeiras vermelhas tomaram as ruas berlinenses destruindo tudo que fosse associado ao *kaiser*. E são proclamadas duas Repúblicas: primeiro,

pelo social-democrata Philipp Scheidemann [1865-1939]; logo depois, pelo comunista Karl Liebknecht [1871-1919]:

A jovem República encontrava-se num dilema, numa sociedade dividida. Para alguns, a Revolução Russa de novembro de 1917 era o exemplo a ser seguido de uma sociedade socialista igualitária. Para outros, esse cenário não passava do prenúncio do declínio. Os dois lados se confrontavam inconciliavelmente. (REPÚBLICA, 2017).

No fim do ano houve uma intensa repressão aos comunistas que, através da liga de *Spartakus*, inspirada na vitória na Rússia, incitavam a população a uma guerra civil contra o governo. O governo abriu mão de violentas milícias de extrema direita, as *Freikorps*, que perseguiam abertamente os membros do Partido Comunista, e fizeram uma operação limpeza que culminou com o assassinato de duas importantes lideranças do KPD: Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, que tiveram seus corpos lançados em um canal. (WELLE, 2005).

Devido aos tumultos, a capital foi transferida para Weimar, onde ocorreram reuniões para criação de uma nova constituição, promulgada em julho de 1919, transformando a Alemanha em uma república democrática, tornando o voto universal e convocando eleições ao parlamento.

A República de Weimar sofreu seu primeiro golpe com o Tratado de Versalhes, que condenava a Alemanha a duras imposições econômicas e políticas. Afundada em uma crise econômica (hiperinflação⁶), o desemprego explodiu e muitas fábricas foram fechadas. A violência crescia nas ruas e o governo passou a utilizar-se das *Freikorps* para conter as manifestações. Em um dos confrontos sangrentos com os comunistas, somaram-se mil e duzentas baixas destes contra setenta mortos no grupo das *Freikorps*. Nesse momento a esquerda estava rachada, uma parte queria fazer uma revolução comunista, a

⁶ Em 1923, a inflação chega a 100% ao dia.

outra (representada pelo PSD) defendia a revolução via democracia parlamentar. A esquerda também foi perdendo, aos poucos, suas cadeiras no parlamento (em janeiro de 1919 tinha 80% das cadeiras, em junho de 1920, 40%). (SHIRER, 1991).

Tentativas de golpes eram frequentes. A extrema direita tentou um em março de 1920, mas foi frustrada por uma greve geral convocada pelos comunistas. A frágil República⁷ era frequentemente ameaçada tanto pela extrema direita, quanto pela extrema esquerda. Outra tentativa de golpe que merece destaque, foi o *putsch* de Munique, quando os nazistas, entre eles Adolf Hitler, tentaram tomar o poder em uma cervejaria de Munique. Os nazistas foram presos, no entanto, no julgamento, Hitler aproveitou para interromper as testemunhas e proferir discursos nazistas, transformando-se, por isso, em figura conhecida pela população. Os juízes foram extremamente lenientes e proclamaram 05 anos de sentença, enquanto a Constituição pregava prisão perpétua. Hitler passou apenas 09 meses na prisão, tempo utilizado para escrever seu livro panfletário de ideais nazistas, *Mein Kampf* (Minha Luta). (SHIRER, 1991).

A crise de na República agravou-se ainda mais com o *crash* da bolsa de 1929. Os setores dominantes voltaram-se não apenas contra as concepções social-democratas, mas também contra os direitos e garantias do Estado Social previstos na Constituição. A teoria de Carl Schmitt e sua defesa de uma livre economia dentro de um Estado Total ganhava força. (BERCOVIVI, 2003).

Segundo Bercovivi (2003), a burguesia alemã, quando defendeu a democracia, pretendeu tirar da mesma os que não fossem iguais. Por isso, o aumento da participação dos trabalhadores no Parlamento começou a

⁷ Baitello Junior afirma que a República não era um frágil objeto atacado por diversos inimigos, que, ao contrário, ela é fruto de um acordo entre o PSD e os militares que propuseram a manutenção do poder em troca do combate ao bolchevismo.

incomodá-la. Ainda mais porque os trabalhadores passaram a aumentar a exigência das prestações sociais e até ameaçar a propriedade (com limitação ou desapropriação). Como não há possibilidade de excluir o proletariado do Poder Legislativo pelo Estado de Direito, a burguesia começou a renegá-lo, contestando a submissão à lei e partindo em busca do apoio de soluções ditatoriais que restabelecessem o seu predomínio político e social.

Em 1932, Hitler tentou, sem sucesso, eleger-se presidente pelo partido nazista (obtendo o segundo lugar, com 36,8% dos votos). O partido nazista passou a invocar a violência nas ruas, com a então proibida S.A. (milícia nazista), impondo práticas indiscriminadas de violência e assassinatos, o que obrigou ao presidente impor uma lei marcial em Berlim e a atribuir novas eleições no parlamento. Nas novas eleições, o partido nazista conseguiu 230 dos 608 assentos do parlamento. No entanto, logo houve outra eleição e o partido perdeu 34 cadeiras. O presidente indicou outro chanceler, Kurt Von Schleicher, mas este não conseguiu aprovação no parlamento⁸ e foi demitido. (SHIRER, 1991).

Em 30 de janeiro de 1933, o presidente Paul von Hindenburg não conseguiu resistir às pressões dos setores conservadores e reacionários e nomeou Adolf Hitler como chanceler (depois de um "acordão" com os partidos de centro direita, que aceitaram a nomeação, desde que Hitler não desenvolvesse uma ditadura). Na noite de 27 de fevereiro de 1933, o Parlamento (*Reichstag*) foi incendiado. Hitler culpou os comunistas pelo ato. A pressão dos nazistas e da população assustada fez com que, no dia 28 de fevereiro de 1933, Hindenburg assinasse o *Decreto do Presidente do Reich para*

⁸ Segundo a constituição, o chanceler, indicado e restituído pelo presidente, deveria ser aprovado com maioria absoluta - 50% + 1- no parlamento.

a proteção do povo e do Estado, que eliminava a liberdade de expressão, de opinião, de reunião e de imprensa, assim como o sigilo entre cartas. O governo em Berlim ganhava poderes para intervir nos estados, a fim de garantir a ordem. Com o decreto, os nazistas passaram a dispor de ferramenta decisiva no combate a seus inimigos: sem provas nem controle jurídico, eles podiam agora deter qualquer um que lhes fosse desconfortável, como os jornais de oposição, que foram todos proibidos. Grande parte da população apoiava as medidas. (LÜPKE-SCHWARZ, 2017; SHIRER, 1991).

O partido nazista invocou novas eleições no parlamento para votar uma mudança na constituição, que conferiria a Hitler poderes legislativos por 04 anos. Para tanto, a constituição exigia dois terços de aprovação no parlamento. O partido nazista não conseguiu o apoio necessário, mas, através de uma manobra política, eliminando da somatória as cadeiras pertencentes aos comunistas (que estavam presos ou perseguidos) e impedindo a entrada de alguns membros do partido social-democrata, conseguiu que a maioria fosse dada apenas com os presentes na sessão. Com exceção das prisões dos comunistas e o impedimento da entrada de alguns sociais-democratas, a eleição e tudo o mais que se seguiu foi estabelecido dentro da legalidade (assim como ocorreu no caso brasileiro). Em 23 de março de 1933, Hitler tornou-se o ditador do Reich, iniciando um período de terror que duraria até sua morte, a 30 de abril de 1945. (SHIRER, 1991).

A república DADÁ

Os dadaístas em Berlim se movimentavam ao menos desde 1917, quando Huelsenbeck anunciou, em carta a Tzara, a revista berlinense *Der Dada* e a exposição DADA. Em janeiro de 1918, discursos DADA foram proferidos em

galerias, ocorreram noites dadaístas e Hausmann criou a fotomontagem como instrumento dadá. Mas é no ano de 1919, início da República Weimar que foi anunciada, após Baader ser proclamado presidente do Globo Terrestre e do Universo em abril, o início da República Dada. A república Dada nasceu como uma paródia-negação da República Weimar e tinha como exigências:

a unificação revolucionária internacional de todos os homens criativos e intelectuais do mundo inteiro no terreno do comunismo radical;
a introdução do desemprego progressivo através da mecanização abrangente de todas as atividades. Só pelo desemprego o indivíduo ganha a possibilidade de se certificar da verdade da vida e finalmente se acostumar ao viver.

a imediata expropriação da propriedade (socialização) e a alimentação comunista de todos, bem como a construção de cidades-jardins e cidades-luzes pertencentes à comunidade que desenvolvam o homem para a liberdade

O comitê Central defende:

a refeição pública diária para todos os criadores e intelectuais na praça Postdamer (Berlim);

o compromisso de todos os professores e religiosos para com os princípios dadaístas de crença;

o mais brutal combate contra todas as tendências dos assim chamados trabalhadores intelectuais [...], contra seu oculto burguesismo e contra o Expressionismo e a formação pós-clássica [...];

[...]

regulamentação imediata de todo relacionamento sexual no sentido dadaísta internacional através da ereção de uma Central Sexual Dadaísta. (RIHA apud Baitello Junior, 2012, p.63).

O anúncio era assinado pelo “Comitê Central Dadaísta Revolucionário Grupo Alemanha” formado por Hausmann, Huelsenbeck e Golysyscheff, o comitê não existia de fato. No manifesto pode-se notar a aproximação que os dadaístas tinham com os comunistas. No dia 16 de julho, Baader, lançou panfletos com o *slogan* “Dadaístas contra Weimar” na Assembleia Nacional de Weimar. Os panfletos, entre outras coisas, solicitavam que o povo alemão desse uma ajuda ao Superdada e se o plebiscito disse sim a isso, ele asseguraria

ordem, liberdade e pão. Três dias depois, proclamou em um carro que Philip Scheidemann (do PSD) seria o "Ehrendada" (Dada de honra). No dia 11 de novembro, passados exatos um ano da abdicação do *kaiser*, Baader imprimiu um cartão de visitas que "confirmava" sua função de presidente da Terra e do Universo. Quando Baader proclamou-se presidente do globo, a notícia foi estampada na imprensa alemã. (BAITELLO JUNIOR, 2012; BIRO, 2009).

Baader é a grande figura do dadá em Berlim, a mais contraditória, por isso mais dadaísta. Sua vida foi toda dadá, mesmo antes do dadaísmo oficialmente ser lançado em Zurique, afirma Baitello Junior (2012). O dadaísmo, como enfatiza Hüelsenbeck (apud Biro, 2009), um dos fundadores do dadá alemão, é um estilo de vida ou uma ideologia que busca uma ação mais direta com a realidade, e Baader foi exemplo disso durante toda a sua vida. Baader já havia sido fundador e dirigente de uma seita religiosa em 1906 e mandou a jornais europeus, americanos e africanos informações sobre seu projeto de um enorme templo da humanidade (que demoraria mil anos a ser construído e custaria 500 bilhões de marcos), anunciado, segundo o próprio, em uma reunião pública com a presença de 400 pessoas. Em 1914, seu cartão de visitas dizia que ele era "Cristo, o Médiun do Universo, Eu, o Eterno, o Crucificado e Ressuscitado, o que era, e será, Eu, o Eterno, que se divide em muitos e permanece o único, Ego, a Pomba, o Senhor do Nome, o que é maior que Yuan-Chi-kai, Baader" (BAADER *apud* Baitello Junior, 2012, p. 30).

Baader ainda se autodeclarou o Oberdada (dada chefe), proclamando um novo calendário Dadá, cujo Ano 1 se dava no início do movimento dadaísta e, em seguida, proclamou-se presidente do globo. Em 01 de abril de 1919, os jornais anunciaram a sua morte, a morte do Oberdada e, em 26 de junho, ocorreu a sua "ressurreição" com Baader publicando o Manual do Dadá

Supremo, uma clara oposição ao tratado de Versalhes, que seria assinado no dia 28. Em 1920, funda o Partido Alemão da Liberdade. (Baitello Junior, 2012; Biro, 2009).

A Berlim da época vivia uma profusão de manifestos políticos e os dadaístas não deixaram de notar esse aspecto e lançaram uma imensidão deles. E muitos se contradiziam, se autonegavam, tinham o programa de não ter programa, cumprindo a função oposta de um manifesto comum. No primeiro manifesto dadá em Berlim, o de Hulsenbeck (apud Biro, 2009), temos a afirmação de que inclusive ser contra o manifesto é ser dadaísta.

Uma das características marcantes do dadá em Berlim, segundo Baitello Junior (2012) e Biro (2009), entre outros, foi o uso dos meios de comunicação e de mídia, com fins de trazer ao grande público o seu estilo de vida antiautoritário e antiburguês e criticar e atacar múltiplos inimigos, como os políticos alemães - que, por sua vez, também se utilizavam dos meios de comunicação para promoção.

Os dadaístas publicaram em diversas revistas e houve diversas publicações dadás nos jornais berlinenses de modo que:

Existe, sim, uma relação muito rica em significado entre Dadá e o jornal, a notícia. Isto se confirma - também nas falsas notícias criadas pelos dadaístas e principalmente por Baader. Esta relação aponta provavelmente para uma visão parodística do registro jornalístico e, levada às últimas consequências, do próprio registro historiográfico. (BAITELLO JUNIOR, 2012, p.76).

As notícias de jornal, provocadas intencionalmente através das cartas enviadas por Baader anunciando esta ou aquela ação espetacular (que na maior parte das vezes não se realizava), ou ainda a notícia veiculando esta ou aquela ação não anunciada, ajudaram a compor este traço fundamental do Dadá Berlim, afirma Baitello Junior (2012). Baitello Junior (2012, p. 102) comenta ainda

que o “Dadá estranha (distancia torna esquisita) a ação política da República, mostrando que também ela é Dadaísta e, portanto, mentira, ficção, só que não assumida, não consciente de seu grau de inverdade, insinceridade”. É possível que nos tempos da pós-verdade os jornais e os políticos estejam mais que conscientes de seu grau de inverdade e estejam utilizando isso a seu favor? Retomaremos esta questão adiante.

Além das notícias de jornais, os dadaístas utilizavam *slogans*, clichês, frases feitas, filipetas e panfletos que eram distribuídos e colados nos mais diversos lugares. Disseminavam-se frases como “Dadá é político”, “O homem dadaísta é radical oponente da exploração”, “Dadá é a destruição voluntária do mundo das ideias burguesas”, “Dadá chuta o seu traseiro e você gosta”, “Sempre dada”, “Dada, dada *über alles*” (BAITELLO JUNIOR, 2012; LIPPARD, 2007).

Dadá Berlim também tinha uma editora, a *Malik-Verlag*, fundada pelos irmãos Helmut e Wieland Herzfeld. Helmut logo mudaria seu nome para Jonh, em protesto contra o nacionalismo germânico. Um dos contribuidores ativos da editora é George Grosz, que impele os irmãos a lançarem a revista *Neue Jugend*, cujo objetivo era publicar novos artistas que “não estejam senis e não sejam sóbrios e submissos”. A revista começou com uma tipografia tradicional, mas logo mudou para impressões tipicamente dadás: escrita na vertical, horizontal, de ponta cabeça, uso de colagens, fotomontagens, além da publicação de poemas ortofonéticos, tudo desordenado, sem apresentar uma uniformidade na página. Biro (2009) aponta que o conteúdo das publicações dadaístas parecia ser um reflexo da experiência perceptual disjuntiva da vida urbana discutida pelos sociólogos alemães e críticos culturais no primeiro quarto do século XX.

Uma das fotomontagens, crítica satírica direta à política alemã, criada por Grosz, foi publicada na capa do *Jedermann sein eigener Fussball*, em 1919, sob o título de “Quem é o mais bonito?”. Com uma promessa de prêmios para a melhor resposta, seguia a foto de um leque com algumas imagens de figuras políticas e líderes militares. Para Biro (2009), a justaposição das imagens do leque - elemento feminino- com a das figuras políticas – todas masculinas – pode ser lida como a insinuação de que os novos líderes da República Weimar não eram tão masculinos quanto se pensava e, ao mesmo tempo, demonstrava a importância e o uso da mídia na política do período. Segundo Biro (2009), através da fotografia e das reproduções em massa a política eleitoral havia se tornado um processo emocional orientado por imagem e os dadaístas estavam conscientes disso. Em junho de 1919, foi lançada a primeira edição do *Der Dada*, a mais famosa publicação dadá em Berlim. O jornal foi editado e publicado por Hausmann com contribuições de Baader, Huelsenbeck e Tzara. Com ilustrações de Hausmann, a publicação contava com uma miscelânea de artigos confusos e divertidos sobre fatos da atualidade, anúncios de performances e de produtos espalhafatosos, poemas de Hausmann e Tzara e textos messiânicos de Baader. Ainda havia o anúncio do “Banco Dadá” exortando ao público deixar seu dinheiro com a promessa de pagamento de juros perpétuos, pois o banco faria parte de um grande conglomerado e todos os créditos seriam enviados, via Versalhes, para o Vaticano, onde o Santo Dourado os abençoaria, já que Dadá seria tudo, a árvore frutífera que se multiplica, o redentor, o Tao e o Brama. (DER DADA, 1919; BIRO, 2009).

A segunda edição foi lançada em dezembro. Uma colagem com diferentes trechos de artigos dadaístas aparecia na capa. Biro (2009) aponta que esta confusa colagem de textos truncados e formas geométricas anunciava o

enlace dos dadaístas com a reprodução de massas e suas práticas de um constante reciclar trabalhos antigos em formatos novos. Havia ainda um manifesto de Hausmann atacando a burguesia e o expressionismo alemão. Além disso, um retrato de Hausmann e Baader ilustrava o artigo "Junte-se ao Dadá" que chamava os leitores acima de dezesseis anos para se associar ao Clube Dadá e ganhar acesso aos vários institutos e departamentos, incluindo o instituto grafológico, departamento médico, agência de detetives, departamento de publicidade etc. Biro (2009) destaca que ao representar o Dadá-Berlim como um conglomerado gigante os autores zombavam das ambições sócio-políticas do Dadá e minavam seu caráter de movimento artístico "autônomo" separado da economia e da sociedade alemãs. O dadaísmo mostrava-se extremamente ligado com o cotidiano berlinense e ao predomínio das relações de consumo e dos meios de comunicação, apresentando relações paradoxais e antitéticas com eles.

Os dadaístas também realizavam diversas performances, seja em lugares fechados, com cabarés, leituras incediárias de poesias, concertos ruidosos e *sketchs* teatrais, seja em ações nas ruas. Muitas delas continham uma grande dose de improviso e pouco existe de detalhamento delas, pois os dadaístas não se focaram nas performances em si, mas nas complexas relações que elas criaram entre artistas e público. O que se sabe é que elas eram irônicas e com uma boa dose de *nonsense*. Os alvos típicos das críticas eram, segundo Biro (2009) as belas artes, a cultura popular, a moralidade burguesa, a noção de identidades estáveis e o fascínio pela tecnologia e o caos do cotidiano. Algumas *sketchs* teatrais dadaístas tiveram grande sucesso de público, e é preciso destacar que eles contribuíram com o trabalho do diretor Erwin Piscator.

Um exemplo de evento dadaísta e de sua relação com o público é apresentada por Herzfeld (apud Baitello-Junior, 2012). Segundo seu relato, em 1919, ocorreria uma matinê em Berlim-Charlottenburg, mas muitas pessoas que vieram tiveram que ir embora porque o local já estava cheio. Foi, então, propagado que a matinê seria repetida no próximo domingo, a preços dobrados. E no domingo, um mar de gente estava em frente ao teatro, tendo a polícia que controlar o trânsito. E os dadaístas lá dentro, ao invés de começar a apresentação, diziam ao público que não se espantavam que existissem tantas pessoas tolas pagando o dobro do ingresso, que só queriam vê-los de perto e que já poderiam ir embora para casa. Os dadaístas continuavam a atacar o público e apenas quando se tornaram bem ofensivos, o público imaginou ser sério o que diziam. As reações foram diversas, alguns deram razão aos dadaístas, outros ficaram furiosos. Até que começou uma pancadaria entre os espectadores que foi assistida pelos dadaístas de cima do palco, como se a briga fizesse parte do programa. Quando começaram a dizer que qualquer um poderia estar ali, no lugar deles, os dadaístas convidaram, então, a ocuparem seus lugares. Depois de certa hesitação quinze jovens se inscreveram. Os dadaístas saíram do palco e os jovens ficaram plantados, sem saber o que fazer. Até que, por fim, exigiu-se que os dadaístas originais retornassem. E, então, depois de um tempo, deu-se início a uma inusitada corrida entre a máquina de costura, pilotada por Hausmann que costurava uma fita crepe interminável, e a máquina de escrever, pilotada por Huelsenbeck que datilografava rapidamente colocando novas folhas. A máquina de costura venceu a corrida e a máquina de escrever foi atirada ao chão.

Biro (2009) comenta sobre uma foto de Grosz vestido de Morte caminhando em 1919 por um shopping. Provavelmente a ação foi uma tentativa

de fazer com que o público refletisse como a Alemanha, na tentativa de esquecer os enlaces da guerra, havia se voltado ao consumismo desenfreado. Os dadaístas também criticavam a Igreja, principalmente por ela ter apoiado a guerra. Em 17 de novembro de 1918, Baader entrou na Catedral de Berlim e interrompeu o sermão perguntando ao pregador o que lhe significava Jesus Cristo, dizendo que o pregador ligava pouco para ele, que ele não lhe interessava, o que provocou um grande tumulto e acabou com Baader preso e acusado por ofensa a Deus.

Para Baitello-Junior (2012), as características do dadá em Berlim são: metapolítica (desmontagem da política, contra a República Weimar), uso criativo dos meios de comunicação de massa/desmontagem da mídia, busca de uma "oralidade tipográfica", a "morte" dadaísta, a exploração do infanto-primitivismo, utilização da ação como obra artística e do próprio artista e sua imagem como obras (desmontagem do suporte durável e a desmistificação da imagem do artista). Já abordamos algumas destas características e para finalizar iremos apresentar uma outra morte, o "fim" do dadá iniciado com a I Feira Dadá em Berlim.

Em 24 de junho de 1920 dá-se a abertura da *I Feira Internacional Dadá* em Berlim. A feira contou com 174 obras de artistas de diversas regiões do mundo. Ao lado de colagens, fotomontagens e objetos diversos estava o *Arcanjo Prussiano*, obra de Rudolf Schlichter e Jonh Heartfield. A obra consistia em um manequim, de tamanho real, suspenso junto ao teto, vestido de militar com uma máscara de cabeça de porco⁹. A obra custou um processo por ofensa contra as forças armadas. A casa de Baader, em setembro, foi revistada. Baader mostrou o seu *Grande Drama Plasto-Dio-Dada ou Grandeza e Decadência da*

⁹ A referência ao porco é uma das maiores ofensas em língua alemã.

Alemanha, uma construção gigantesca feita de madeira, garrafas de papel, metal etc. A obra era descrita como:

Arquitetura monumental dadaísta em 5 andares, 3 instalações, 1 túnel, 2 elevadores e um arremate em forma de cilindro. Descrição dos andares: 1 andar a preparação do supradadá, no segundo a prova da metafísica, terceiro iniciação, seguida pela guerra mundial, a revolução mundial no quinto e a sobrepeça: o cilindro se parafusa no céu e anuncia a Ressurreição da Alemanha através do professor Hadendorf e seu púlpito eterno. (BAADER *apud* BAITELLO JUNIOR, 2012, p.68).

Após a exposição, a obra foi destruída. A obra dadá, em geral, não deixou registros, se destrói ou simplesmente foi desprezada pelos próprios criadores. Para os dadaístas as obras são descartáveis, pois são apenas os índices, a verdadeira obra estaria na ação de fazê-la. O dadá se nega, se destrói, despreza a obra enquanto registro ou documento. Dadá prevê seu fim e se ri disto. Como afirma Huelsenbeck (*apud* Baitello Junior, 2012, p.22): “A morte é um assunto perfeitamente dadaísta à medida em que ela não significa nem o mais insignificante. Dadá tem o direito de se suprimir e fará uso disto quando for chegada a hora”. O movimento de destruição foi tão intenso, que se destruiu. Mas é aí, que ele vence, pois “um dadaísta é um homem que ama a vida em todas as suas formas ilimitadas e que sabe e diz: não somente aqui, mas também lá, lá, lá (da,da,da) está a vida” (BAADER, *apud* BAITELLO JUNIOR, 2012, p.68).”

Após a Feira, o Dadá-Berlim dissolveu-se, com Grotz e Heartfield cada dia mais politizados, envolvidos com o teatro proletário de Schüller; Hulsenbeck mudou-se para Dresden e tornou-se psicanalista.

Não podemos negar, comenta Baitello Junior (2012), que exista uma obra dadá berlinense. Ela tem como característica fundamental o *peso* da *ação* -

sempre comentadora das obras (e das anti-obras), estabelecendo o oposto da obra materializada. A ação não é apenas a negação da obra, mas uma autonegação, quando se monta em ação vazia, ação zero (a morte do Oberdada, por exemplo), um apenas dizer que fez.

Algumas obras dadaístas, principalmente as fotomontagens e as expressões artísticas mais tradicionais como desenhos, pinturas, aquarelas e litografias foram preservadas. Podemos Hanna Höch, única mulher do movimento berlinense, cuja obra *Schnitt mit dem Küchenmeses Dada durch die letzten Weimarer Bierbauchkulturepoche Deutschlands* é um marco na arte dadaísta e na fotomontagem, apresentando um resumo dos fatos ocorridos em 1920 como a relação dos meios de comunicação em massa na Alemanha do pós-guerra, os novos discursos que circulavam e as novas identidades que surgiam etc. (BIRO, 2009).

Conforme comentamos anteriormente, o espírito dadá sobrevive, mas pode-se dizer que o movimento teve um suposto "fim", dado tanto pelas brigas entre seus próprios componentes quanto pelo fato de que o dadá estava se tornando padronizado e, ao invés de chocar o público, chamava cada vez mais sua atenção para suas performances. É então que Breton lança, em 1924, o Manifesto Surrealista, decretando o fim do dadá na França. Em 1922 o próprio Tzara já havia se encarregado de rezar uma oração fúnebre pelo Dadá na Alemanha.

Posteriormente o dadaísmo será retomado num movimento denominado de neodadaísmo. Ali, perde-se o tom de anti-arte dadá e passa-se a considerar o que não era arte, o que era uma crítica, como os *ready mades* de Duchamp, como arte, dando extremo valor à obra, ao objeto final. Richter (1993, p.295) é categórico em sua crítica: " O que atualmente ocorre no neodadaísmo é a

tentativa de fazer do choque um valor em si. Procura-se imputar novamente ao 'antifetichê' o atributo da 'arte'... Mas trabalhar com um efeito de choque que já não provoca mais choques não faz sentido".

O Brasil DADÁ?

O "contágio dadaísta" repercutiu timidamente no Brasil. Podemos ver o espírito dadá nas performances realizadas por Flávio de Carvalho, como quando ele, em outubro de 1956, saiu pelas ruas de São Paulo vestido com uma saia, blusa de mangas curtas e sandália, traje que seria, segundo ele, adequado ao calor. Também, mais disperso, na poesia de Manuel Bandeira, na pintura de Ismael Nerye e em Mário de Andrade, que em seu *Paulicéia Desvairada*, inclui o poema *Ode ao burguês*, que diz: "Eu insulto o burguês. O burguês níquel/ O burguês-burguês!/[...] Morte a gordura!/ Morte às adiposidades cerebrais [...]". (ANDRADE, 1987, p.88-89).

Brasil –Weimar

Desde as manifestações de 2013, o país vive um período crítico que está sendo comparado com o período da República Weimar (temendo-se um fim semelhante). Em junho de 2013, em São Paulo, o Movimento Passe Livre foi às ruas contra o aumento de R\$0,20 na tarifa do transporte público. A cobertura dada pelo noticiário foi de início negativa, classificando os manifestantes e suas ações como criminosas. Mas, ao perceber o potencial de crítica ao governo existente nesta e em outras manifestações, passou-se a definir os protestos como pacíficos e a utilizar a bandeira nacional como símbolo. Eles não mais

causavam tumulto no trânsito e passou-se, nos noticiários, a dar ênfase em determinadas bandeiras como contra os gastos da Copa, a PEC 37 e, de modo abstrato, a corrupção. (SOUZA, 2016).

A grande mídia passou a capitanear os protestos, cujos ritos, segundo Souza (2016), passavam por cantar o hino nacional, vestir a camisa da seleção, ter cara pintada e usar a bandeira nacional. Não apenas as bandeiras do movimento mudaram (a bandeira do passe livre já não era propagada), mas também o público: em vez de estudantes e jovens, via-se famílias de classe média alta. Esses símbolos, continua o Souza (2016, posição 1637), “conseguiram também passar a impressão para boa parte do público de que essa fração privilegiada, branca e bem-vestida representava o ‘interesse nacional’ em uma mudança para o melhor para todos”. A mídia dava a uma fração de classe o sentimento de protagonismo de uma “mudança”, embora fosse, apenas um instrumento do “consórcio elites/mídia”.

E aqui entra a pós-verdade e a manipulação da mídia. Como cita Souza (2016), a maioria de nós não tende a aceitar ou amar a verdade, pois ela implica em uma autocrítica, uma responsabilidade pelos nossos atos – responsabilidade que “adoramos imputar aos outros”. Se em Weimar, os culpados receberam nomes, eram judeus, no Brasil os culpados eram os “militantes de esquerda” e especificamente um partido, o PT.

É preciso observar que o pacto com a elite realizado pelo PT havia se rompido. Os “donos do dinheiro” estavam insatisfeitos com a nova política de juros estabelecida. A classe média estava incomodada com dividir seus espaços, antes restritos, com os “pobres” que haviam ascendido economicamente. (Souza, 2016). Como citamos antes, a democracia só interessa a burguesia quando trata dos iguais. (Bercovivi, 2003).

O processo de golpe ganhou um forte aliado quando as elites conversadoras perderam a eleição de 2014. Aí passou-se, segundo Souza (2016), a flertar com um caminho não eleitoral para chegar ao poder: a união com a casta jurídica. Surge uma figura na antes difusa luta contra a corrupção: Sérgio Moro. Moro é tornado herói nacional pela grande mídia e a Operação Lava-Jato é a salvação do país enlameado na corrupção.

A operação, no entanto, mostrou-se extremamente seletiva, com divulgações de grampos, sob sigilo de justiça, apenas contra os “inimigos”. O PT passou a ser criminalizado publicamente e, embora outros partidos também tenham participado de esquemas, isso não importava à narrativa. Em março 2016, dá-se a condução coercitiva de Lula, tanto desnecessária quanto ilegal. O que foi propagado nas redes sociais num primeiro momento é que Lula, finalmente, havia sido preso. E os memes ajudaram nesta divulgação. Por isso, iremos interromper nossa narrativa para comentar sobre eles.

MEME - DADÁ

A palavra meme, do grego *mimeme* (imitação), é utilizada por Richard Dawkins no final dos anos 1970 para definir ideias que se propagam e se replicam pela sociedade e sustentam determinados ritos ou padrões culturais. Entre os fins dos anos de 1990 e inícios dos 2000, com o surgimento das redes

sociais na internet, meme passou a representar elementos da cultura popular propagados, principalmente, por elas. Nos estudos da cibercultura, os memes, segundo Calixto (2017, p.47-48), “passaram a ser classificados como construções narrativas construídas em formas de montagens, compartilhadas online, [...] que rapidamente se espalham nas redes sociais”.

Uma das características principais dos memes de internet é a questão da autoria desconhecida e o anonimato. Outra característica é a intertextualidade e o uso do humor (paródias, sátiras, imitações).

A colagem de imagens e frases inesperadas nos memes nos remete ao uso das fotomontagens realizada pelos dadaístas. Os memes, como aponta Calixto (2017), têm função de narrar o cotidiano, de materializar e acionar situações corriqueiras. O autor aponta que muitos apresentam recortes simples, de “estética amadora”. Além disso, a reciclagem de imagens e textos é recorrente.

Os memes também têm influenciado a cena política brasileira, servindo de termômetro eleitoral, dimensionando a opinião pública a respeito de uma proposta, um candidato ou um partido. Como sugere Viktor (2015), ao funcionar como comentário situacional ou manifestação de apoio explícito, os memes evidenciam o comportamento das massas num cenário eleitoral. O poder deles foi percebido pelos políticos, que contratam agências especializadas para disseminação tanto de memes, quanto de notícias falsas, através de perfis também falsos, criados por elas em redes sociais. (VICENTE, 2017; VIANA, 2015).

O poder das imagens na política e o processo emocional orientado por elas já havia sido percebido pelos dadaístas e pelos políticos da época da República Weimar e do posterior período nazista (Joseph Goebbels, ministro da

propaganda nazista, soube utilizá-lo com maestria). Se o cinema, o rádio e os jornais eram as grandes armas do passado, hoje, o campo de batalha político é a internet. Isso se dá, no Brasil, sobretudo porque, desde 2015, metade da população brasileira utiliza a internet. Segundo pesquisa do IBOPE (apud Viana 2015), entre internautas, 92% estão conectados por meio de redes sociais, sendo as mais utilizadas o *Facebook* (83%). As notícias são recebidas via rede social ou televisão, que é assistida por 73% da população. Os jornais são lidos por apenas 7% da população.

Weimar- Brasil

Uma das características importantes da implosão das instituições ocorrida na Alemanha dos anos 1920-30 foi a maneira como os juízes violavam a lei. E após a condução coercitiva de Lula, um outro fato, iria abalar a isenção do judiciário: a quebra de sigilo da presidenta, através de um vazamento de áudio de uma conversa com Lula, autorizado por Moro. O vazamento do áudio da presidenta seria, para o sociólogo *Santos* (2016), prova de que já estaríamos vivendo em um Estado de Exceção.

O juiz que autorizou o vazamento ilegal, pediu desculpas pelo "equivoco". A partir de então, com a inviabilização do golpe jurídico diante da visível perda de imparcialidade, passou-se a articular um golpe parlamentar, afirma Souza (2016). E o vazamento de outro diálogo torna cristalina a tentativa. O diálogo entre Romero Jucá (PMD) e Sérgio Machado (Presidente da Transpetro), publicado na *Folha de São Paulo* em 23 de maio de 2016, revela que, assim como ocorrido na eleição de Hitler como chanceler (guardada as proporções), buscava-se um "grande acordo" nacional, colocando Michel Temer no poder:

MACHADO- Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel [Temer].

JUCÁ- Só o Renan [Calheiros] que está contra essa porra. 'Porque não gosta do Michel, porque o Michel é [Eduardo Cunha](#)'. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

MACHADO- É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

JUCÁ- Com o Supremo, com tudo.

[...]. (VALENTE, 2016).

Depois das manobras de Eduardo Cunha na Câmara dos Deputados, seguida da vergonhosa votação do pedido de impedimento da presidenta onde deputados falaram que votavam a favor do pedido em nome da família, de Deus, de sua cidade – que abriu caminho para o prosseguimento do golpe, Cunha (preso posteriormente) não era mais uma figura importante, conforme podemos perceber nas palavras de Jucá.

As acusações que pesavam sobre a presidenta eram de corrupção e violação da Responsabilidade Fiscal, por meio de “pedaladas fiscais” e assinatura de decretos de créditos suplementares. O fato destas “pedaladas” e decretos não serem reconhecidos como crime anteriormente não importava. O que foi divulgado pela mídia foi o fato de Dilma não ter aprovação popular, governar mal, cometer erros, estar descontrolada emocionalmente etc. Esses motivos somaram-se aos já propagados memes e imagens machistas da presidenta, que a acusavam de não saber falar, feia, não se vestir bem etc. O Senado aprovou, em agosto de 2016, o pedido de impedimento e Dilma foi afastada definitivamente do poder. Assim como no caso da Alemanha, o golpe se deu através da (aparência de) legalidade.

O governo de Temer ainda quando interino, já havia se mostrado antipopular, racista e patriarcal. O ministério formado por ele era constituído

por homens brancos. As primeiras medidas foram ataques às minorias (com extinção de Ministérios) e à cultura. (MINISTÉRIO, 2016).

Após o impedimento de Dilma, Temer anuncia que aproveitaria a impopularidade de seu governo para tomar medidas impopulares que seriam “necessárias” ao país. (DIAS e CRUZ, 2016). E, entre denúncias de corrupção, que recaiam sob Temer e seus aliados, vimos os interesses que se articularam para o golpe partirem, como afirma Souza (2016), para a rapina e o saque do espólio: vender as riquezas brasileiras, cortar os gastos sociais e fazer valer apenas seus próprios interesses (dos 1% mais ricos). Depois de atingir o objetivo em comum, passaram a brigar pela divisão do espólio e do poder.

Passamos a viver surpreendidos a cada dia com notícias bomba e ataques a direitos e conquistas sociais. Com votações recheadas de troca de favores, cargos, emendas e dinheiro para compra de votos (mais de 15 bilhões, segundo Welle (2017), tivemos que engolir a PEC 241 (ou 55), a reforma trabalhista, as mudanças no ensino médio etc.

Na grande mídia, não há espaço para um real debate acerca desses fatos, já que não existe uma pluralidade nem o contraditório – como afirma Souza (2016), apenas monta-se “monta-se um circo mambembe para propiciar uma caricatura de discussão e debate”. Continua Souza (2016) afirmando que “as notícias apresentadas pelos telejornais e programas de entrevistas [...] existem unicamente para bombardear o telespectador com visões parciais, quando não diretamente falsas”. Ao contrário do que diziam os dadaístas, hoje a elite dominante tem consciência de seu grau de inverdade e aproveita-se dele.

Sentimos estar vivendo num tempo tão absurdo quanto o vivido pelos dadaístas. Mas, com uma diferença, se as notícias falsas propagadas por eles eram absurdas, hoje, os absurdos, que parecem notícias falsas, são verdadeiros.

As notícias do campo da política que nos chegam soam tão absurdas que parecem até ser do Sensacionalista (um site de humor em forma de linguagem jornalística, que apresenta um jornal “isento de verdade”), mas não são.

A arte continuou e continua sendo atacada tanto diretamente pelo governo, quanto por grupos de direita neoconservadores, como militantes do MBL. A frase de Arp parece remeter-se ao período atual, sentimos que há bandidos que no desvario do poder iam usar a arte para nos tornar estúpidos.

Recentemente temos no Brasil exemplos de cerceamento de manifestações artísticas, como a pressão pelo encerramento da exposição Queermuseu, a histeria em torno da performance do artista Wagner Schwartz no MASP, a prisão de Maikon K em Brasília durante performance promovida pelo SESC, a injeção dada à força no bailarino Igor Cavalcante em Caxias do Sul etc. Cercear a arte utilizando-se do medo, confusão, discórdia e preconceito é exatamente o que ocorreu durante o nazismo.

Pode-se destacar nesse período o crescimento de uma ala neoconservadora, autoritária e hipócrita que, como afirma Rufatto (2017) une:

moralistas liderados por um ator de filmes pornográficos, evangélicos e católicos fundamentalistas, jovens direitistas de classe média encantados por um filósofo que mora nos Estados Unidos, uma elite preocupada em manter seus privilégios, saudosistas da ditadura militar liderados por um ex-capitão do Exército e uma maioria silenciosa. Silenciosa, mas, seja dito, conivente com os discursos obscurantistas que florescem entre os desprovidos de tudo, inclusive de esperança.

Mas, esperança é o que precisamos ter agora, pois, como afirma Souza (2016), esse golpe pode nos dar a chance de lembrar quem somos, do que somos formados e aprender com nossos erros - assim como fez a Alemanha, após o nazismo. E se, como já aventamos anteriormente, a situação político-

social que permeou o Dadá, se aproxima da situação atual, quem sabe também surja um movimento que torne novas produções possíveis.

Referências

ANDRADE, M. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BAITELLO JÚNIOR, N. **Dadá-Berlim**. São Paulo: Portugal: Annablume: Universidade de Coimbra, 2012.

BERCOVIVI, G. **Entre o Estado Total e o Estado Social**. Tese. Faculdade de Direito. USP. São Paulo, 2003.

CALIXTO, D. O. **Memes na internet**. Dissertação. ECA, USP, 2071.

DIAS, M.; CRUZ, V. 'Aproveito impopularidade... Folha Digital. **Folha de São Paulo**. 22 dez. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/12/1843702-aproveito-impopularidade-para-tomar-medidas-necessarias-diz-temer.shtml>>. Acesso em: 29 nov. 2017.

DAVIS, W. The Age of Post-Truth Politics. **The New York Times**. 24 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/08/24/opinion/campaign-stops/the-age-of-post-truth-politics.html>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

DE MICHELI, M. A negação dadaísta. IN: **As vanguardas artísticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DER DADA. n. 1. Berlim, jun 1919. Disponível em: <http://sdr.lib.uiowa.edu/dada/derdada/1/index.htm>. Acesso em 20 nov. 2017.

HAFTMAN, W. **Posfácio**. IN: RICHTER, H. Dadá. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

KITHCEN, M. **História da Alemanha Moderna**. São Paulo: Cultrix, 2013.

LIPPARD, L. R. **Dadas on Art**. Nova York: Dover's Publication, 2007. Visualização Google Books.

Lüpke-Schwarz, Marc von. Há 80 anos, incêndio no Reichstag... **Deutsch Welle**. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-80-anos-inc%C3%AAndio-no-reichstag-era-um-duro-golpe-na-democracia-alem%C3%A3/a-16629973>>. Acesso em 19 nov. 2017.

MINISTÉRIO da Cultura e outras pastas... Gauchzh. 13 mai. 2016. Disponível em: <https://gauchzh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2016/05/ministerio-da-cultura-e-outras-pastas-sao-extintas-em-reforma-ministerial-de-temer-5800482.html>. Acesso em 29 nov. 2017.

OXFORD. Word of the Year 2016 is... **English Oxford Living Dictionaries**. 2016. Disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>. Acesso em: 08 nov. 2017.

REPÚBLICA Alemã teve proclamação dupla em 1918. **Deutsche Welle**. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/l0l2>>. Acesso em 19 nov. 2017.

RICHTER, H. **Dadá**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SHIRER, W.L. **The rise and fall of the third Reich**. S.L.: Random House, 1991.

RUFATTO, L. O sombrio legado de Temer. **El país**. 15 nov. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/15/opinion/1510748409_938683.html>. Acesso em: 30 nov 2017.

SOUZA, J. **A radiografia do golpe**. São Paulo: Leya, 2016. Livro Digital.

VIANA, N. A direita abraça a rede. **Publica**. 22 jun. 2015. Disponível em: <https://apublica.org/2015/06/a-direita-abraca-a-rede/>. Acesso em: 28 nov. 2017.

TZARA, T. **Manifesto Dadá**. (1918). Disponível em: <<http://docplayer.com.br/39091112-Manifesto-dadaista-de-tristan-tzara-de-1918.html>>. Acesso em: 09 nov 2017.

VALENTE, R. Em diálogos gravados... **Folha de São Paulo**. São Paulo, 23 de maio de 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1774018-em-dialogos-gravados-juca-fala-em-pacto-para-deter-avanco-da-lava-jato.shtml>. Acesso em: 01 nov. 2017.

VIKTOR, S. Pesquisa com memes. **Museu de Memes**. 04 de abril de 2015. Disponível em: <<http://www.museudememes.com.br/pesquisa-com-memes-serious-business/>>. Acesso em 28 nov. 2017.

WELLE, D. 1878: A lei anti-socialista de Bismarck. **Folha Online**. 17 out 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dw/ult1908u3398.shtml>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

WELLE, D. Quanto a tentativa de salvar Temer de denúncia custa ao Brasil? **Carta Capital**. 01 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/quanto-a-tentativa-de-salvar-temer-de-denuncia-custa-ao-brasil>>. Acesso em 29 nov. 2017.